

# O que vem de sala de aula



A cada nova produção da Revista Educação Física, nos deparamos com uma série de projetos que demonstram a criatividade inesgotável dos Profissionais de Educação Física para superar as adversidades, introduzir temas relevantes para discussão em nossa sociedade. Nesta edição não poderia ser diferente. Os quatro trabalhos que apresentamos a seguir, vindos dos quatro cantos do país, têm em comum o objetivo de conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio socio-cultural brasileiro, assim como os aspectos socioculturais da cultura indígena e africana através das aulas de Educação Física. Esses Profissionais atendem ao art. 3º da LDB, Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, Resolução CP/CNE nº 1, de 17 de junho de 2004. Mais do que parabenizá-los, desejamos que suas ideias possam inspirar novos projetos Brasil a fora.

## Cultura Indígena: corpo, movimento e diálogo intercultural na escola

No Rio Grande do Norte, o projeto “Cultura Indígena: corpo, movimento e diálogo intercultural na escola”, de autoria do Profissional de Educação Física Carlos Gomes [CREF003414-G/RN], levou práticas corporais dos povos indígenas à Escola Municipal João Carvalho Barbalho, localizada no Sítio Lagoa do Poço, em Goianinha/(RN). O interesse pelo assunto surgiu quando Carlos foi voluntário dos XII Jogos dos Povos Indígenas de 2013, realizado em Cuiabá (MT). A partir de então, o professor decidiu incluir o estudo da história e da cultura indígena em suas aulas,

conforme a Lei 11.645/08. A iniciativa foi realizada no ano de 2015 com 16 turmas, totalizando 325 alunos envolvidos.

A introdução dos estudantes, com idade entre cinco e 15 anos com a temática foi feita através de uma exposição fotográfica dos XII Jogos dos Povos Indígenas e com os conteúdos de história ofertados pelos professores de cada turma. Durante duas semanas os conteúdos da dança e dos jogos e brincadeiras foram vivenciados pelos alunos no pátio da

própria escola. Sendo ofertadas as seguintes práticas corporais: cabo de força, pinturas corporais, arco e flecha, e arremesso de lança. A dança foi simbolizada pelo Toré, ritmo tradicional de várias etnias brasileiras.

“O cabo de força foi desenvolvido com equipes formadas por meninos e meninas de maneira conjunta, cooperativa e competitiva, buscando o entrelace lúdico na prática. Para o arremesso de lança foram utilizados cabos de vassouras, que simulavam a lança dos indígenas”, explica Carlos.

Em um segundo momento foi feito um intercâmbio cultural, levando todos os alunos, em dias alternados, à comunidade indígena Catu dos Eleotérios, localizada no Município de Canguaretama (RN), onde os alunos praticaram atividades da comunidade e conheceram um pouco mais da história e costumes dos povos indígenas. Todos os professores da Escola Municipal João Carvalho Barbalho participaram com conteúdos específicos de suas áreas, contribuindo com o trabalho interdisciplinar.

“Os alunos construíram e desconstruíram ideias e conhecimentos desses povos, conheceram sua cultura (jogos, brincadeiras, danças, pinturas, artesanato). Além disso, foi ofertada vivência in loco, e depois ainda percebemos que os alunos trouxeram brinquedos que eles mesmos construíram em casa”, conta o professor.

Além do Profissional de Educação Física, participaram do projeto 16 professores pedagogos, três auxiliares de sala, direção, Secretaria de Educação e toda a comunidade escolar que, de maneira geral, oportunizou e se envolveu com a temática.



## Semana do Índio

Em Contagem, Minas Gerais, os alunos do programa Mais Educação da Escola Municipal Jenny de Andrade Faria tiveram a oportunidade de vivenciar uma semana em homenagem ao Dia do Índio. O projeto foi coordenado pela Profissional de Educação Física Patrícia Mara [CREF 011383-G/MG] e teve como objetivo despertar as crianças para a importância da valorização da cultura indígena. Em contato com o universo indígena os pequenos puderam afastar preconceitos em relação àqueles que nos parecem diferentes e enxergar melhor as características da nossa própria cultura.



“Quando o aluno entra em contato com os conteúdos de forma prazerosa, pode desenvolver-se melhor no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, deixa de ser um aluno passivo para se tornar um aluno participativo, crítico-reflexivo levantando hipóteses em relação ao objeto de estudo”, indica Patrícia.



A prática incluiu: Oficina de Letramento e Informática, com o objetivo de levar o conhecimento de produções literárias indígenas e analisar como o índio é descrito em nossa literatura; Oficina de dança; Oficina de luta - Huka huka; e a Oficina de Esportes, responsável por toda pesquisa relacionada a jogos e brincadeiras indígenas. Para fechar o projeto, foi exibido o filme Thainá, no dia da “Pipoca na Escola” e a Gincana Indígena, onde as crianças, divididas em equipes, competiram através de diversas brincadeiras vivenciadas na Semana do Índio.

“Os alunos vivenciaram parte de alguns dos costumes indígenas e todos os objetivos propostos foram alcançados. Foi um período muito proveitoso para agregar conhecimento e contribuir ainda mais para a aprendizagem dos alunos”, conclui Patrícia.

## Jogos Olímpicos Indígenas

Em Rondônia, o Profissional de Educação Física Osvaldo Homeiro Garcia [CREF 000600-G/RO] desenvolveu o projeto “Olimpíadas Indígenas Especiais” com os alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Ariquemes. As aulas foram desenvolvidas com os alunos especiais, com idade entre quatro e 20 anos, com diversas formas de deficiências, tanto cognitivas quanto motoras.

Osvaldo explica que o objetivo foi resgatar a cultura indígena no Brasil e, para tal, a atividade foi dividida em três partes: em um primeiro momento foram apresentados diversos aspectos culturais dos indígenas, assim como vídeos históricos da chegada dos portugueses e o primeiro encontro com os nativos. Trabalhando a interdisciplinaridade, as pinturas indígenas foram apresentadas em uma oficina de pintura com as professoras regentes.

A segunda parte do projeto contou com a apresentação de danças e jogos indígenas. Nesse momento os alunos trabalharam as danças na quadra, pintados e vestidos como índios. A terceira parte consistiu na realização dos Jogos Olímpicos Indígenas, entre eles: cabo de força, corrida de tora, arremesso de lança (todas enfeitadas e preparadas pelos alunos e professores), corridas de índios, entre outras. O evento culminou com a degustação de variadas comidas indígenas, todas à base de milho e mandioca.

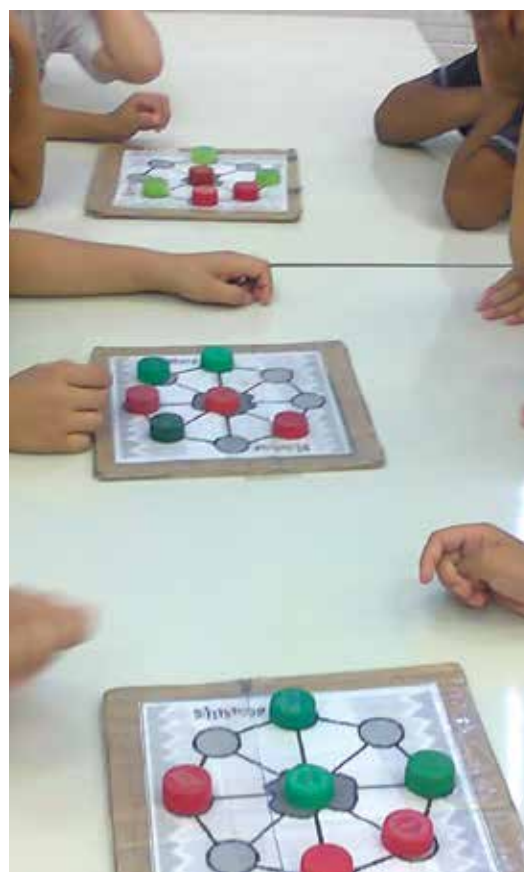


As principais habilidades desenvolvidas foram a coordenação motora grossa e fina, a corrida, os arremessos, a agilidade e a força. “Foi observado um grande interesse e participação dos alunos e do corpo docente em realizar outros projetos com este tipo de resgate cultural, tendo em vista que o projeto trabalhou a interdisciplinaridade junto à oficina de arte, oficina de música e a Educação Física”, conta.

O projeto fez tanto sucesso que já está incluído no planejamento da instituição para o próximo ano. Desta vez, as atividades serão realizadas na floresta, com novas provas e com um número maior de participantes, promete Osvaldo. Nós, da Revista Educação Física, ficamos na torcida e aguardando por novos relatos!

## Jogos de Tabuleiros Africanos

Durante uma reforma de ampliação na Escola Municipal Ary Cabral, em Praia Grande (SP), o Profissional de Educação Física Helenilson dos Santos [CREF 072354-G/SP] ficou sem a quadra de esportes para ministrar suas aulas de Educação Física. Se por um lado faltou espaço, o que sobrou foi criatividade para superar as adversidades.



Helenilson viu nos jogos de tabuleiro uma ferramenta para conduzir as aulas de Educação Física na ausência de um local adequado. Entretanto, como o jogo de Damas Brasileiras e o Xadrez já haviam sido trabalhados com a maioria das turmas no ano anterior, o professor decidiu desenvolver os jogos de origem africana e trabalhar o contexto de africanidade na escola. A introdução da cultura afro se deu através das histórias dos jogos e de cantos de boas-vindas.



Antes da prática, os alunos puderam conhecer a história de cada jogo

“Não foi uma pesquisa fácil pelo fato da cultura africana ser bastante baseada na oralidade, existindo assim várias versões de regras para o mesmo jogo. Busquei sites confiáveis que trouxeram à tona as formas mais populares de se jogar tais jogos”, explica Helenilson.

Sendo assim, os jogos desenvolvidos foram a Shisima, um jogo queniano que trata da disputa pela água por duas tribos; o Yoté, que pode ser considerado o Jogo de Damas Africano, sendo de origem nigeriana; o Senet, jogo de origem egípcia, que na cultura do antigo Egito tratava-se do jogo a ser jogado no momento da passagem da vida para a morte; e a Mancala, Jogo da Semeadura muito popular em toda a África, onde crianças jogavam nas covas preparadas para o plantio. Na escola foi utilizado material reciclável e sementes de feijão para compor o jogo.

Entre as habilidades desenvolvidas estão o raciocínio estratégico, a práxia fina e o respeito à cultura africana como fonte de sabedoria. Os alunos, com idade entre sete e 12 anos, compreenderam que os jogos de tabuleiro também podem fazer parte da aula de Educação Física e, inclusive, produziram seus próprios jogos para praticar com os familiares.



Ainda como parte da atividade, todo o colégio aprendeu a entoar o “Funga Alafia”, canto de boas vindas, no Dia da Consciência Negra. A prática chamou tanta atenção da comunidade escolar que houve uma capacitação sobre jogos de tabuleiro africanos para os Professores de Educação Física de toda a rede municipal.

A criatividade do Profissional permitiu que o ano letivo fosse encerrado, mesmo sem quadra, com bastante aprendizado e diversas outras atividades. “Destaco a aplicação destes jogos pela peculiaridade de introduzir os alunos em um contexto da cultura africana tão relevante para a formação do nosso povo brasileiro”, comemora.

## Envie sua experiência

Caro Professor de Educação Física, queremos saber sobre suas experiências inusitadas e bem sucedidas envolvendo seus alunos nas aulas de Educação Física. Se você tem algum projeto cujo desenvolvimento e resultado são interessantes, conte para nós da Revista Educação Física. As histórias que mais se destacarem serão publicadas nas próximas edições.

**Para envio dos relatos, favor mandar e-mail para [revistaef@confef.org.br](mailto:revistaef@confef.org.br)**